

ALFABETIZAÇÃO E LETRAMENTO NO AUTISMO

Daniel Rodrigo da Silva

Centro Estadual de Educação Tecnológica Paula Souza. Etec Elias Nechar - Catanduva-SP.

<http://lattes.cnpq.br/9459013845304481>

E-mail: daniel.silva441@etec.sp.gov.br

Daniela da Silva Soncini

Centro Estadual de Educação Tecnológica Paula Souza. Etec Elias Nechar - Catanduva-SP.

<http://lattes.cnpq.br/6992674460797738>

<https://orcid.org/0000-0001-6075-7847>

E-mail: danielasilvasoncini@gmail.com

Fernanda da Silva Cacini

Centro Estadual de Educação Tecnológica Paula Souza. Etec Prof. José Carlos Seno Júnior-Olímpia-SP.

<http://lattes.cnpq.br/9711495460013196>

<https://orcid.org/0000-0002-7889-5364>

E-mail: fer.sil@hotmail.com

Sônia Maria Adami Vayego Fornazari

Centro Estadual de Educação Tecnológica Paula Souza. Etec Elias Nechar - Catanduva-SP.

E-mail: sofornazari@yahoo.com.br

Luciano Tronchini

Centro Estadual de Educação Tecnológica Paula Souza. Etec Elias Nechar - Catanduva-SP.

E-mail: lutronchini@gmail.com

DOI-Geral: <http://dx.doi.org/10.47538/RA-2022.V1N4>

DOI-Individual: <http://dx.doi.org/10.47538/RA-2022.V1N4-07>

RESUMO: O presente trabalho traz uma reflexão importante acerca dos conceitos de alfabetização e letramento, assim como sua constante evolução e mudanças ao longo do tempo para, logo após unir esses conceitos ao que vem a ser o Transtorno do Espectro Autista e como esse transtorno precisa ser analisado sob vários aspectos para que, em especial nas escolas, sejam adotadas estratégias pedagógicas que incorporem o aluno autista nos processos de ensino e aprendizagem partindo da inclusão. Para isso contou com uma metodologia de pesquisa voltada aos elementos bibliográficos mais relevantes e, a partir disso, procurou manter os objetivos, justificativas e demais informações contidas no projeto anteriormente explanado. Na tentativa de sanar as inquietações que se fazem duradouras até o momento atual em que discentes autistas não são vistos como seres importantes na sala de aula, faz-se necessário pensar em como fazer para manter uma aula que seja atrativa para o mesmo, partindo da premissa que a família, juntamente com um profissional especializado que acompanha o aluno, também deve se preparar para dialogar e conhecer mais esse tipo de sujeito, pois só assim, a inclusão e a dinâmica de uma aula atrativa de fato, ocorrerá.

PALAVRAS-CHAVE: Alfabetização. Letramento. Autismo. Inclusão. Diálogos.

LITERACY AND LITERACY IN AUTISM

ABSTRACT: This work brings an important reflection about the concepts of literacy and reading, as well as its constant evolution and changes over time to Soon after joining these

SILVA, D. R.; SONCINI, D. S.; CACINI, F. S.; FORNAZARI, S. M. A. V.; TRONCHINI, L. Alfabetização e letramento no autismo. *Revista Eletrônica Amplamente*, Natal/RN, v. 1, n. 4, p. 83-98, out./dez. 2022. ISSN: 2965-0003.



concepts to what comes to be the Autism Spectrum Disorder and how this disorder needs to be analyzed under various aspects so that, especially in schools, pedagogical strategies that incorporate the autistic student in the teaching and learning processes based on inclusion. For this it relied on a research methodology focused on the most relevant bibliographic elements and, from this, sought to maintain the objectives, justifications and other information contained in the project previously explained. In an attempt to remedy the concerns that are made lasting until the present moment in which autistic students are not seen as important beings in the classroom, it is necessary to think about how to do to maintain a class that is attractive for the same, starting from the firstborn that the family, together with a specialized professional who accompanies the student, should also prepare to dialogue and know more this type of subject, because only then, the inclusion and dynamics of an attractive class will actually occur.

KEYWORDS: Literacy. Literacy. Autism. Inclusion. Dialogues.

INTRODUÇÃO

Ensinar uma língua para um sujeito não é uma atividade simples, mas algo que requer muita atenção e preparo por parte do profissional que está envolvido nesse sistema, principalmente quando se fala de promover a aprendizagem para um ser humano portador de algum transtorno como é o caso de portadores do Transtorno do Espectro Autista (TEA).

A habilidade de ler e escrever, ao mesmo tempo que é confusa porque requer atenção, cumprimento de normas e regras contidas na gramática tem passado por mudanças, haja vista que a valorização do conhecimento de mundo tem sido levada em consideração, pois ainda temos pessoas que não foram alfabetizadas, mas que sabem ler e escrever através de associações entre o significante e o significado.

É por esse motivo que a alfabetização, no Brasil, tem passado por mudanças significativas, principalmente quando se une ao letramento e, por consequência, acabam levando em consideração o conhecimento de mundo.

Logo, essa mudança tem favorecido a inclusão social e, juntamente com ela, os alunos autistas que estão chegando cada vez mais nas escolas, estão recebendo um novo olhar em relação ao procedimento a ser tomado com eles, em relação ao seu preparo de aulas e, até mesmo, em seu comportamento. É por esse motivo que este trabalho fez um levantamento teórico e bibliográfico sobre o tema que agrega a importância da alfabetização e do letramento com alunos autistas, pensando especialmente na

importância desse sistema incluir e corroborar estereótipos já contidos na escola e na sociedade brasileira.

O aluno autista é uma criança como qualquer outra e precisa ser visto como tal, ocorre que, muitas vezes, por receio de perder o controle da sala ou não saber como agir com um aluno com TEA e, sendo assim, o bloqueio por parte do educador faz-se mais relevante do que a proposta de incluir e aproveitar esse momento para trazer novas metodologias de ensino e aprendizagem para a sala de aula. Há que se pensar que sem a família estar unida a esse processo escolar nada é possível, porém foi possível observar nas pesquisas feitas, as quais partiram das propostas redigidas no pré-projeto que o autismo tem passado sim por mudanças em sua interpretação, que a tecnologia tem sido uma das suas maiores aliadas, mas que muitas escolas e profissionais ainda se negam em receber esses alunos e isso tem sido um dos maiores desafios da escola.

Assim, as linhas abaixo trazem uma breve reflexão sobre alfabetização, letramento e autismo, passando por alguns de seus conceitos de acordo com alguns pensadores que trazem a história dos três elementos norteadores deste artigo para então, chegar a conclusão de que, sem a união e sem a proposta de mudança, pode-se ter um legado importante de bibliografias e tecnologias que favoreçam aulas e interpretações sobre o autismo, mas de nada adiantará.

DESENVOLVIMENTO

Conceituar alfabetização e letramento é algo que precisa ser pensado de forma a atender as necessidades presentes na vida de um educador e, em especial de um aluno, principalmente quando se trata de alunos com Transtorno do Espectro Autista (TEA), pois são alunos que precisam de uma atenção ainda maior e, acima de tudo, fazem com que a equipe docente pense na diversidade de aprendizagens que podem ser alcançadas quando há um conhecimento acerca dos procedimentos a serem adotados na formação pedagógica desses alunos.

ALFABETIZAÇÃO E LETRAMENTO

A educação como processo específico para a alfabetização e o letramento pode ser visto como aquilo que tende a ser feito de forma repetitiva como, por exemplo, cópias repedidas de sílabas, palavras e frases que se configuram em um processo conhecido como tradicional e, quando se fala em formar ou preparar o aluno autista, nota-se que esse sistema de ensino não o motiva. É por esse motivo que, na língua portuguesa, a inclusão tem ocorrido de forma a modificar as metodologias de ensino, assim como promover outras ideias acerca da alfabetização e do letramento, pois mediante os conceitos linguísticos o indivíduo pode passar por diversas variantes e dialetos que, quando somados, mudam as funções de ensino.

O termo “alfabetização” certamente remete à memória do interlocutor o domínio de competências referentes à leitura e à escrita. No entanto, essa tarefa até hoje é considerada um desafio em algumas sociedades. Na história da alfabetização no Brasil, o persistente fracasso da escola no ensino da linguagem escrita às crianças configura-se como um dos principais fatores responsáveis pelas constantes mudanças de paradigma e concepção de métodos (SOARES, 2016).

As conceituações acima trazem uma interpretação mais abrangente em relação ao que é a alfabetização, partindo do princípio que a mesma não pode ser interpretada como responsável pelo fracasso presente no sistema educacional, pois o que estamos vivenciando é uma possível confusão na interpretação das teorias onde alfabetizar não significa trazer o aluno para as normas e regras da língua portuguesa, mas observar se em sua memória há uma formação concreta de associações entre o significante e o significado de uma palavra.

“Nesse momento, o conceito de alfabetização passa por uma profunda mudança teórico-metodológica, cuja trajetória de déficits e insucesso dos alunos, no que diz respeito ao domínio da *lectoescrita*” (MORTATTI, 2006, s/p), ou seja, é necessário pensar e rever o processo como um todo, partindo do princípio de que não se trata de uma formação técnica, mas de uma formação social, a qual está relacionada com os conceitos de palavras e informações que já estão conhecidos pelo sujeito em sua formação. A alfabetização precisa ser estudada como algo novo, prazeroso e sem regras, apenas com mediações e informações que trabalham a formação do aluno, pois,

Atualmente, a alfabetização não é vista como dissociada do mundo, porém, e atingir seu objetivo, o aluno deve associar seus conhecimentos ao cotidiano, não codificar e decodificar códigos somente, mas saber

interpretar e criticar o que lhe é posto, ou seja, o indivíduo deve ser letrado (SILVA, 2020, p. 26).

O conceito acima, leva-nos a entender que as mudanças que vêm ocorrendo no processo de alfabetização precisam ser entendidas como fatores positivos, e que a escola precisa estar preparada para que tal processo se intensifique cada vez mais, uma vez que, as mudanças precisam ser pensadas, em especial quando se fala em inclusão e, em especial, na alfabetização de alunos com TEA.

Moura et al. (2017, p. 1211), comenta que “ensinar uma língua, mesmo sendo a língua materna para uma criança com autismo, pode ser bem complexo, visto que ela apresenta dificuldades na interação social e na comunicação”, mesmo porque pode ser pensado que para crianças tidas como “normais” este processo já é algo complexo, no entanto, muitos educadores não analisam dessa maneira, isso sem levar em consideração o papel da escola nesse processo que é algo mais amplo e repleto de informações que precisam ser analisadas e trabalhadas de forma proativa com os educadores, afinal a escola, juntamente com seus gestores, é a principal responsável pela melhoria no sistema de inclusão e adaptação de um indivíduo com alguma dificuldade.

A escola precisa estar em permanente interlocução com a família. Além de todos os benefícios inerentes a essa interlocução, isso poderá contribuir para que, juntos, a família e os profissionais da escola possam compreender mais rapidamente os motivos para eventuais retomadas pela criança de reações que já haviam sido superadas (BELISÁRIO FILHO; CUNHA, 2010, p. 25).

De acordo com a citação, não basta apenas ter em mente a questão da formação pedagógica do aluno, mas sim, é imprescindível que a família e outros profissionais que acompanham o mesmo, estejam em constante contato com a escola para juntos, encontrarem o melhor processo para alfabetizar e letrá-lo. O letramento é a soma das funções contidas no processo de alfabetização, pois,

Um dos objetivos do processo de Ensino e Aprendizagem é formar cidadãos responsáveis, aptos a atuar na sociedade em prol de sua transformação e melhoria. Nesse contexto, o letramento torna-se essencial, considerando que as relações sociais são mediadas pela linguagem (SAE DIGITAL, 2021, p. 1).

Outra questão importante, acerca do letramento é que ele é “o desenvolvimento de comportamentos e habilidades de uso competente da leitura e da escrita em práticas sociais”, de acordo com Soares (2004, p. 97). O letramento é algo que

tende a estimular a criança, onde leitura e escrita se unem para motivar seus conhecimentos adquiridos e contextualizá-los com as diversas práticas sociais, pois deve ser pensado que em relação ao processo de aprendizagem, nem todo o ser humano consegue ler e escrever em um caderno, mas é dotado de outros meios de leitura e escrita que são formados através dos signos linguísticos presentes nas diversas comunidades espalhadas pelo planeta. Quando se fala em entendimento sobre letramento, deve-se saber que,

A palavra “letramento” se origina da expressão inglesa literacy, cuja etimologia remete ao termo em latim littera, que significa “letra”. Ambas as línguas utilizaram como prefixo a palavra latina e acrescentaram um sufixo para formar um novo conceito. Em português, foi utilizado o prefixo “letra” e adicionado o sufixo “mento” (SAE DIGITAL, 2021, p. 3).

Em contrapartida, o conceito de alfabetização é teoricamente considerado mais preciso, pois,

[...] o processo de alfabetização é algo complexo e que deve ser contextualizado e problematizado juntamente com as crianças, partindo da realidade em que o aluno está inserido, ou seja, o de leitura do mundo no qual os autores denominam de letramento, já o processo de decodificação de sons e sílabas, muitos autores defendem como alfabetização, em sentido restrito (CORDEIRO, 2005, p. 22).

Mediante os conceitos expostos acima, é necessário pensar que a construção do processo de aprendizagem não é algo que se faz aos poucos, ou com uso de teorias que precisam ser inseridas ao longo da vida dos discentes, mas se trata de algo que requer um maior conhecimento da escola, pois tanto o letramento quanto a alfabetização são elementos de ensino e aprendizagem que se completam e levam em consideração aquilo que foi aprendido pelo aluno através de seu conhecimento de mundo, sendo que o professor e o sistema apenas lapidam e aprimoram esses conhecimentos para que esses sujeitos sejam capazes de interagir de diversas formas em especial, aqueles que são considerados portadores de alguma necessidade, como os autistas.

Outro fator que precisa ser reconhecido quando se busca diferenciar alfabetização e letramento é que não há uma técnica específica de diferenciação entre eles, mas uma probabilidade de entendimento mais amplo que requer a associação de ambos, principalmente quando se pensa que essa junção reflete nos conhecimentos do aluno.

Soares (2004, p. 97), atesta que,

É necessário reconhecer que alfabetização – entendida como a aquisição do sistema convencional de escrita – distingue-se de letramento – entendido como o desenvolvimento de comportamentos e habilidades de uso competente da leitura e da escrita em práticas sociais: distinguem-se tanto em relação aos objetos de conhecimento quanto em relação aos processos cognitivos e linguísticos de aprendizagem e, portanto, também de ensino desses diferentes objetos. Tal fato explica por que é conveniente a distinção entre os dois processos. Por outro lado, também é necessário reconhecer que, embora distintos, alfabetização e letramento são interdependentes e indissociáveis: a alfabetização só tem sentido quando desenvolvida no contexto de práticas sociais de leitura e de escrita e por meio dessas práticas, ou seja, em um contexto de letramento e por meio de atividades de letramento; este, por sua vez, só pode desenvolver-se na dependência da e por meio da aprendizagem do sistema de escrita.

É por esse motivo que a escola precisa ser mais dinâmica e levar em consideração que o processo da aprendizagem é muito mais complexo que apenas levar um personagem a conhecer letras, formar sílabas e palavras, e depois conseguir ler o que formou, mas sim, se trata de um processo em que a associação e a união social também precisam estar inseridas no meio escolar, pois é com essa construção que a aprendizagem será maior.

É mister desenvolver uma competência ou diversas competências que promovam no aprendiz a autonomia, uma vez que com ela virão outros elementos como a adequação aos diferentes contextos que uma palavra pode ser trabalhada ou pensada, saindo de seu sentido denotativo e indo para seu sentido conotativo e isso é muito comum quando se fala em pessoas autistas, pois eles são mais visuais e trabalham com associações que serão a base para a sua construção de conceitos.

Isso é importante não apenas em alunos autistas, mas em todos os demais, porque,

No desenvolvimento humano, a linguagem tem um papel essencial constituindo-se num elemento crítico para a aquisição de sistemas simbólicos, como a escrita, a leitura e a Matemática, assim como para desenvolver habilidades de relacionamento interpessoal. A ideia de dar o suporte necessário para que sujeitos com limitações totais ou parciais em sua linguagem falada foi o que fez emergir o conceito ao qual chamamos de CAA (PASSERINO; ÁVILA; BEZ, 2010, p. 03).

Logo, a maneira como a criança é vista em sua forma de comunicação também precisa ser pensada quando se fala em alfabetização e letramento e o professor precisa sempre pensar em um recurso que promova essa união, pois com ela a junção da

linguagem será algo primordial para o enriquecimento da promoção das habilidades que farão parte da formação global de qualquer indivíduo.

É por isso que o professor precisa ser proativo, já que,

Cabe a ele criar, promover experiências, situações novas e manipulações que conduzam à formação de uma geração de leitores capazes de dominar as múltiplas formas de linguagem e de reconhecer os variados e inovadores recursos tecnológicos, disponíveis para a comunicação humana presentes no dia a dia (NEVES et al., 2004, p. 12).

A função do professor, ao longo do processo de alfabetização e letramento é crucial para que a aprendizagem se amplie e o aluno não seja visto como aquele que está dentro ou fora da aprendizagem, mas aquele que traz seu conhecimento de mundo e a sua identidade social para a escola e, ao preparar sua aula, entende que tudo aquilo que ele promover de diferente será um alicerce para que seus alunos também utilizem seus conhecimentos para aprenderem cada vez mais e sentirem-se alfabetizados e letrados de qualquer forma.

O ALUNO AUTISTA E O PROCESSO DE ALFABETIZAÇÃO E LETRAMENTO

Como pensar em alfabetização e letramento e não entender que o aluno com Transtorno do Espectro Autista é um sujeito que constantemente passa por processos de diferenciação que precisam ser quebrados, mesmo porque falamos em incluir e agregar alunos, jamais em excluí-los mesmo porque “a alfabetização não é um estado ao qual se chega, mas um processo cujo início é na maioria dos casos anterior a escola e que não termina ao finalizar a escola primária” (GARCIA; OLIVEIRA, 2019, p. 129), ou seja, se trata de uma formação de tempos atrás e que precisa de uma nova visão.

É com essa perspectiva que buscar encontrar um caminho para que tanto a alfabetização quanto o letramento tenham alguma definição correta não é necessária, pois nem mesmo o autismo possui, conforme pode ser visto abaixo:

Diversas hipóteses foram levantadas na tentativa de explicar sua origem; porém, até hoje, sua gênese ainda é desconhecida, embora as pesquisas nessa área estejam avançando. O que se tem de comprovação científica é que se trata de uma condição neurológica que inclui, de

acordo com o Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais – DSM 5 – transtornos de início precoce com déficits de comunicação social, comportamentos repetitivos e estereotipados (APA, 2013). Além disso, os estudos mais recentes começam a atribuir as causas do TEA a fatores de ordem genética e biológica, visto que o foco de algumas pesquisas é a identificação de alterações no processo de interações entre os genes e o ambiente (CASELLA; CELERI; MONTENEGRO, 2018, p. 11).

Quando se pensa em conceituar o autismo é possível observar que não há uma informação precisa acerca do mesmo, mas que se trata de algo que tem passado por vários progressos e mudanças que tendem a auxiliar na melhoria da informação que tende a ser proativa e motivadora, pois a condição neurológica que inclui o autismo como um transtorno mental é mais relativa do que a que está relacionada ao contexto genético e biológico, sendo que estes não sobressaem aquele.

“O Transtorno do Espectro Autista (TEA) caracteriza-se como um distúrbio do desenvolvimento neurobiológico que afeta de forma significativa a comunicação, a interação social, a reciprocidade afetiva, entre outras alterações” (DIEHL, 2004, p. 56), porém é possível entender que o trabalho educacional voltado ao procedimento de inclusão é algo que precisa ser melhor trabalhado e pensado em relação ao que tende a ser a alfabetização e o letramento e, principalmente, o sistema de alfabetização e letramento de uma pessoa autista precisa ser um novo tipo de trabalho, ou seja, algo que requer uma atenção diferenciada. É preciso que as escolas entendam que o autismo precisa ser entendido como um transtorno e não uma deficiência, sendo que,

Acredita-se que esse desafio se torna ainda maior quando esse processo é voltado para pessoas com transtorno do Espectro do Autismo (TEA), visto que esse é um transtorno considerado relativamente novo e todos os estudos nessa área ainda são recentes. Além disso, a pessoa com TEA possui uma série de singularidades que demandam maiores cuidados diante das estratégias a serem utilizadas no seu processo de aprendizagem (BRAGA, 2018, p. 98).

Novamente, é preciso entender que “o autismo começa a ser oficialmente mencionado na literatura científica por volta do final da década de 1930 e início de 1940, a partir do artigo “Distúrbios Autísticos do Contato Afetivo” (KANNER, 1943 apud NASCIMENTO, 2016, p. 89). Entender o autismo é observar que a criança precisa se comunicar e entender o trabalho de comunicação, em especial quando o trabalho pedagógico relacionado ao conceito de comunicação escolar tende a ser algo cada vez

mais importante e preciso do que um breve estudo acerca da formação acadêmica que precisa ser mais voltada ao que tende a ser estudado por sujeitos com tal transtorno.

De acordo com Silva (2020, p. 13), tem-se que,

O termo Autismo foi utilizado pela primeira vez pelo psiquiatra suíço Eugen Bleuler, em 1911. O psiquiatra utilizou o termo “autismo” para pacientes diagnosticados com esquizofrenia e que possuíam uma severa retração. Na década de 40, dois psiquiatras estudaram, separadamente, crianças que apresentavam características de autismo, são eles o americano Léo Kanner e Hans Asperger.

A história relacionada a descoberta do autismo demonstra uma série de pesquisas que precisam ser descobertas e trabalhadas de melhor forma que tende a ser um momento diferenciado dentro do contexto em que o autismo tem sido estudado nas escolas e, em especial, o quanto um discente autista precisa ser mais bem interpretado para que seu processo de alfabetização e letramento se tornem adequados ao seu conhecimento de mundo.

A escola precisa estar preparada para receber um educando autista e, por isso há que ter profissionais preparados para atuarem com todos os processos relacionados ao que é ter um aluno autista.

Gomes, (2015, p. 23), cita que

A Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência, em seu art. 27, fala sobre o ambiente escolar inclusivo, ao indicar que a escola deve oportunizar o máximo de desenvolvimento possível dos talentos e habilidades físicas, sensoriais, intelectuais e sociais, de acordo com as características, interesses e necessidades de aprendizagem das crianças com deficiência.

Ainda para o mesmo autor:

[...] o comportamento de permanecer sentado de um aprendiz com autismo refere-se aos aspectos do ambiente: é difícil permanecer sentado e focado em uma atividade realizada em um ambiente cheio de estímulos que possam distrair. (...) sempre que planejar o ensino de habilidades que exijam a atenção do aprendiz, organize o ambiente evitando que outros estímulos concorram com suas atividades (GOMES, 2015, p. 25).

Mediante as citações acima, é necessário observar que no processo de alfabetização e letramento de alunos com TEA, o excesso de cores não é algo que agrada ou chama a atenção destes tipos de estudantes, sendo importante que nas salas de aula

fique apenas aquilo que já faz parte do conhecimento de mundo do autista como alfabeto, números e algumas imagens que de localização próximas de suas casas.

O docente precisa ficar atento ao que está ocorrendo com o aluno autista e como ele está reagindo ao que está aprendendo, principalmente porque esse aluno precisa do mínimo de barulho possível, sendo importante que até ventiladores (se possível) estejam desligados.

[...] o transtorno do espectro autista também é definido por padrões restritos e repetitivos de comportamento, interesses ou atividades, que mostram uma gama de manifestações de acordo com a idade e a capacidade, intervenções e apoios atuais. Comportamentos estereotipados ou repetitivos incluem estereotípias motoras simples (ex.: abanar as mãos, estalar os dedos), uso repetitivo de objetos (ex.: girar moedas, enfileirar objetos) (APA, 2014, p. 95).

As atividades que compõem o trabalho com alunos com TEA é o que mais deixam os professores repletos de dúvidas e dificuldades e, por isso, as dificuldades que estão dentro do sistema de ensino desse tipo de seres, sendo imprescindível que a escola, juntamente com os educadores, tenha a possibilidade de pensar em como agir com eles e promover uma gama de ações que incluam, que promovam novas aprendizagens e novas informações que incluem autistas na escola, mas que precisam ser trabalhadas e pensadas desde o momento em que a escola for inclusiva e inovadora.

Os PCS são meios que contribuem com o letramento e a alfabetização do sujeito que não consegue escrever, bastando para tanto, usar a comunicação alternativa escrita por meio de letras com material emborrachado, com plaquinhas de madeira e até mesmo letras em papel que podem ser coladas nos cadernos de tarefas e nas produções de cartazes, painéis realizados em conjunto ou individualmente, e nas questões de múltipla escolha (MOURA et al., 2017, p. 1123).

Não basta apenas pensar em como incluir um indivíduo TEA, mas como promover, de acordo com a legislação, um processo de alfabetização mais inclusivo e com maior atenção ao que está criança precisa, sendo que, dessa forma, as pessoas serão capazes de aprender a se manifestarem de uma forma mais pedagógica em que o trabalho com material adaptado tende a ser cada vez mais voltado a incluir ações novas e diferenciadas em uma aula que, além de tudo ainda estejam voltadas ao processo inclusivo e com um atendimento educacional especializado.

Para Belsário Filho,

Uma estratégia que poderá ajudar é a utilização de recursos de apoio visual confeccionados pela escola, já que devem ser criados, com base no seu cotidiano, junto ao aluno, para serem associados, ao se dirigir a ele, a fim de comunicar-lhe sobre o que é esperado dele, o que acontecerá em seguida na rotina escolar e para oferecer-lhe o atendimento às suas necessidades ou a oportunidade de fazer escolhas (BELSÁRIO FILHO, 2010, p. 34).

O exposto acima traz uma explanação diferenciada sobre como o sujeito autista pode ter um novo tipo de desenvolvimento dentro do ambiente escolar desde que as aulas também sejam preparadas para ele, sendo importante observar a particularidade dele e suas facilidades de aprendizagem, onde há avanços significativos e importantes que levam o autista a autonomia e ao novo contexto que será diferenciado dentro do processo de alfabetização e letramento, partindo do contexto de que esse aluno, já sabe como agir, precisa apenas ter um sistema de ensino em que, de acordo com Moura et al. (2017, p. 1213), o “uso de estratégias visuais de representação e ordenamento de conteúdos coopera de modo integrado com as habilidades cognitivas, afetivas, motoras e sociais, além de serem efetivas também para os indivíduos neurotípicos”.

Para os mesmos autores,

Os PECS aproximam o indivíduo com autismo de outras pessoas quando ele substitui a imagem por algum objeto - quando convoca -, além disso, por ser visual, o concreto, o pegar e o olhar acabam por facilitar essa troca. É imprescindível que as pessoas que estão diretamente aplicando este sistema saibam também usar métodos que não sejam complexos, para que o aprendizado aconteça de forma natural, simplificada e prazerosa e que a intervenção seja dialogada entre professores, cuidadores e profissionais da área de saúde que atendam o sujeito (MOURA et al., 2017, p. 1215).

Já para Silva,

Devido a tudo isso, os modelos de intervenção presente hoje no ensino do aluno com TEA possibilitam a criação de alternativas educativas com adaptação curricular funcional que proporcione a autonomia e o aprendizado destes. Por meio de programas de mudanças na conduta do indivíduo com TEA é provável que se observe melhoras nas manifestações clínicas presentes no TEA e favoreça a aprendizagem propriamente dita. (SILVA, 2014, p. 28).

O trabalho com pessoas portadoras de TEA, precisa de uma atuação pedagógica com novas possibilidades de informação que estão contidas em um mundo cada vez mais inclusivo e a elaboração de um trabalho diferenciado onde a escola, a família e os demais

envolvidos no sistema de alfabetização e letramento, apresentem o conhecimento de mundo como a base para a elaboração de projetos educacionais mais voltados ao que é real, sem pensar em uma proposta de ensino arcaica e arrigada de teorias que não condizem com a realidade, mas que fazem com que a história se repita e os alunos sejam deixados de lado.

É importante pensar que as dificuldades sempre ocorrerão, mas há sempre que existir uma mudança na inclusão e, assim,

As perguntas mais frequentes de professores de alunos com TEA costumam ser: “como trabalhar se não somos especializados no transtorno?”, “como alfabetizar uma criança que não se interessa pela leitura e pela escrita e só tem interesse em matemática?” ou “como ensinar o conteúdo a um estudante que não me dirige a palavra nem o olhar?”. Essas inquietações têm, como pano de fundo, o discurso pedagógico tradicional que atrela o educar às noções de desenvolvimento oriundas do campo da psicologia. Essa pedagogia vigente preconiza como tarefa da educação escolar implementar esses processos, sobretudo o cognitivo (BASTOS, 2018, p. 2).

As diversas mudanças que estão ocorrendo no sistema de ensino e aprendizagem se fazem cada vez mais importantes para que as escolas surjam e o sistema sempre tem que mostrar aos docentes que o mundo tem passado por mudanças e que a sala de aula não é mais aquela repleta de conceitos tradicionais e que corroboram as realidades dos alunos, mas sim, tem se tornado algo diferenciado e com muitas inovações, sendo importante pensar em incluir, mudar e desafiar o medo, pois há seres humanos como os alunos com TEA que precisam de respeito, amor e muita atenção em sua formação escolar.

[...] as crianças com autismo, independentemente de sua opção escolar, requerem atenção específica e individualizada a seus problemas de comunicação e de linguagem e a suas dificuldades de relação. Quase sempre é necessária a atenção de professores de apoio e de especialistas em audição e linguagem, com uma capacitação específica em procedimentos de tratamento para crianças autistas e com TGD (RIVIÈRE, 2004, p. 253).

As palavras acima expostas ervem de base para que tenhamos em mente que incluir não será uma tarefa fácil, mesmo porque alunos com TEA tendem a solicitar outros níveis de atenção, mas que, quando se procura incluir e amar, essas dificuldades tendem a se dirimir em coisas boas.

Assim, é possível entender que a alfabetização e letramento de pessoas com Transtorno do Espectro Autista não é algo simples, mas algo que precisa ser acompanhado por todos os responsáveis por pessoas com tal transtorno, para que a escola e os professores tenham conhecimentos amplos e a inclusão, de fato, ocorra.

CONCLUSÃO

Algo novo e com muitas mudanças necessárias, em especial na forma como a escola e os docentes veem o processo de alfabetização e letramento dos alunos com Transtorno do Espectro Autista, em relação ao preparo de suas aulas, partindo do princípio que estes alunos precisam de aulas mais dinâmicas e diversificadas, assim como a sua forma de interpretar cores e barulhos também precisa ser pensada pelos docentes.

Ao longo do trabalho e das pesquisas realizadas pode ser observado que as contribuições da literatura, com o passar dos tempos tem levado a reflexão sobre como a alfabetização e o letramento deixaram de ser apenas processos engajados em ensinar os alunos e deixar de lado outras prioridades como, por exemplo, a forma com que cada aluno traz seu conhecimento de mundo para as aulas, sendo que, constantemente esta é deixada de lado.

Observou-se ainda que, a tecnologia tem favorecido cada vez mais o conhecimento de alunos autistas e, sendo assim, o professor não precisa mais temer a inclusão ou, até mesmo, ter receio de ter um aluno com autismo em sua sala, basta apenas pensar que há uma gama elevada de literatura que auxilia na interpretação de dados e fatos que podem ser dirimidos e melhorados em relação ao preparo das aulas para tais alunos.

Assim, o que fica mais evidente ao longo desse trabalho é que o aluno autista tem recebido melhorias na sua forma de alfabetização e letramentos, porém deve haver uma sincronia entre a forma como a escola, professores e os familiares desse discípulo interpretam suas condições para que, dessa forma, as análises sejam mais bem observadas e as rejeições absorvidas e minimizadas.

REFERÊNCIAS

APA – AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION. **Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais – DSM – 5**. Porto Alegre: Artmed, 2014, 948p.

BASTOS, Marise B. **Escrita e alfabetização de crianças com transtorno do espectro autista (TEA)**. 2018. Disponível em: < https://diversa.org.br/artigos/escrita-alfabetizacao-criancas-com-autismo/?gclid=Cj0KCQjw4omaBhDqARIsADXULuVWhGVZHL2s61470Zz-8r6vOhOOKoaS_uXafeIQkrHC7oqjAKSn9aYaApaAEALw_wcB>. Acesso em ago. 2022.

BELSÁRIO FILHO, José Ferreira. **A educação especial na perspectiva da inclusão escolar: transtornos globais do desenvolvimento**. 9. ed. Fortaleza: UFC, 2010.

BELISÁRIO FILHO, J. F.; CUNHA, P. **A Educação Especial na Perspectiva da Inclusão Escolar: transtornos globais do desenvolvimento**. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Especial. Universidade Federal do Ceará, 2010.

BRAGA, W. C. **Autismo azul e de todas as cores: guia básico para pais e profissionais**. São Paulo: Paulinas, 2018.

DIEHL, Astor Antonio. **Pesquisa em ciências sociais aplicadas: métodos e técnicas**. São Paulo: Prentice Hall, 2004.

CASELLA, E. B.; CELERI, E. H. R. V.; MONTENEGRO, M. A. **Transtorno do Espectro Autista – TEA: manual prático de diagnóstico e tratamento**. Rio de Janeiro: Thieme Revinter; 2018.

CORDEIRO, Isabel Cristina. **Argumentação e Leitura: a importância do conhecimento prévio**. UEL: PG, 2005.

GARCIA, Gisele Aparecida; OLIVEIRA, Talyta Resende de. **Novo olhar sobre a prática de alfabetização e letramento de crianças com autismo**. Educação e Saúde: fundamentos e desafios, [S.l.], v. 1, n. 2, p. 127141, jul. 2019. ISSN 2594 3820. Disponível em < <http://186.194.210.79:8090/revistas/index.php/educacaoesaude/article/view/331>>. Acesso em jul. 2020.

GOMES, C. G. S. **Ensino de Leitura para Pessoas com Autismo**. 1 ed. Curitiba: Appris, 2015. 131 p.

MORTATTI, Maria do Rosário Longo. **História dos métodos de alfabetização no Brasil**. Artigo para a Conferência proferida durante o Seminário "Alfabetização e letramento em debate", promovido pelo Departamento de Políticas de Educação Infantil e Ensino Fundamental da Secretaria de Educação Básica do Ministério da Educação, realizado em Brasília, em 27/04/2006.

MOURA, Fabiana Almeida. et. al. **Alfabetizar e letrar criança com autismo por meio de comunicação alternativa: estudo de caso**. Artigo apresentando no VI Seminário Nacional de Gepráxis, Vitória da Conquista – Bahia – Brasil, v. 6, n. 6, p 1211-1220, 2017.

SILVA, D. R.; SONCINI, D. S.; CACINI, F. S.; FORNAZARI, S. M. A. V.; TRONCHINI, L. Alfabetização e letramento no autismo. **Revista Eletrônica Amplamente**, Natal/RN, v. 1, n. 4, p. 83-98, out./dez. 2022. ISSN: 2965-0003.



NASCIMENTO, G. S. R. do. **Método de Alfabetização para Alunos Autistas (MAPA): Alternativa da Clínica- Escola do Autista**; 2016, p. 122, Dissertação (Mestrado Profissional em Diversidade e Inclusão) - Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2016.

NEVES, Iara Conceição Bitencourt; et al. (orgs.). **Ler e Escrever: compromisso de todas as áreas**. 8. ed. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2007.

RIVIÈRE, Angel. **O autismo e os transtornos globais do desenvolvimento**. In: COLL, César; MARCHESI, Álvaro; PALACIOS, Jesús (Org.). Desenvolvimento psicológico e educação. Porto Alegre: Artmed, 2004.

PASSERINO, L. M; AVILA, B. G; BEZ, M. R. **Scala: um sistema de comunicação alternativa para o letramento de pessoas com autismo**. Vol. 8 n. 2. UFRGS, 2010.

SAE DIGITAL. **Conhecendo o autismo**. Disponível em <<https://sae.digital/o-que-e-letramento/>>. Acesso em set. 2022.

SOARES, Magda. **Alfabetização e Letramento: caminhos e descaminhos**. Revista Brasileira de Educação, n.25, jan.-abr./2004.

SILVA, Suelen P. **Um olhar sobre a inclusão e as práticas inclusivas para a alfabetização e letramento do autista**. Monografia apresentada como requisito parcial à obtenção do título de Especialista na Pós-graduação em Educação: Métodos e Técnicas de Ensino Polo UAB do Município de Foz do Iguaçu, Modalidade de Ensino a Distância, da Universidade Tecnológica Federal do Paraná – UTFPR – Campus Medianeira. Medianeira. 2020.

Data de submissão: 20/11/2022. Data de aceite: 25/11/2022. Data de publicação: 28/11/2022.